

SINGULARIDADE COMO RESULTANTE DE DESLOCAMENTOS DE SENTIDOS

Cirlana RODRIGUES DE SOUZA

(cirlanarodrigues@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)(Pós-graduanda)

1. Introdução

Este trabalho é parte de nossa pesquisa de mestrado, em Análise do Discurso¹, intitulada *Os Deslocamentos de Sentidos como um dos aspectos constitutivos do Discurso lacaniano enquanto um discurso Fundador*, em que buscamos identificar os aspectos discursivos que fazem do discurso lacaniano um discurso fundador, dentro do campo discursivo da Psicanálise². Um de nossos objetivos é identificar as marcas subjetivais que possam, nesse processo de deslocamentos, apontar a singularidade dos sentidos produzidos no e pelo discurso psicanalítico lacaniano. Uma de nossas hipóteses de trabalho é a de que esses deslocamentos de sentidos (alterações dos dizeres psicanalíticos freudianos e lingüísticos) instauram um processo de singularização, em que a singularidade do sujeito-autor é um efeito resultante e esse sujeito-autor, ao deslocar, organizar e articular os sentidos do já-dito realiza um corte nas anterioridades instaurando o diferente, um discurso outro.

Assim, iremos discutir a concepção de sujeito, em AD, especialmente o aspecto singular desse sujeito (e de seu discurso produzido) que se constitui atravessado pelo social, pela linguagem, pela história e pelo(s) outro(s), buscando, da posição de sujeito-autor, a expressão discursiva de sua singularidade não como uma propriedade fixa do sujeito e do discurso, mas como um sempre por advir dada as condições de produção do processo discursivo. A partir do exposto, questionamos:

O que faz do sujeito discursivo, cuja subjetividade se constitui na exterioridade, atravessada pela história, pela ideologia e pela linguagem, sem controle de si e dos sentidos produzidos, um sujeito singular?

Como tratar do singular em um processo (des)contínuo, em que o sujeito e o sentido produzido estão sempre por advir, nunca pronto e, dessa maneira, não podendo ser recortado como um ponto ou uma marca fixa de singularidade no discurso?

O sujeito do discurso (inconsciente e desejante) constitui-se no processo discursivo em que está inserido. Então, sua singularidade é resultante desse processo e de seus aspectos constitutivos de funcionamento para produção de sentidos, da articulação, dentro do acontecimento discursivo, da língua, da história e ideologia. Podemos inferir que a singularidade do sujeito discursivo é - como esse mesmo sujeito - um processo submetido ao histórico e ao ideológico. A marca de singularidade constitui-se no modo de funcionamento, da língua, no interior da prática discursiva. Em nosso *corpus* de análise são os deslocamentos de sentidos que produzem e constituem essa singularidade. Portanto, se faz pertinente compreender e explicitar como se dão esses deslocamentos de sentidos realizados pelos movimentos do sujeito, durante o processo discursivo, como

¹ AD.

² *Corpus* da pesquisa: *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, dos anos de 1957/58, de Jacques Lacan (1999).

um funcionamento, uma ação discursiva³, na e pela língua, que produz esse singular, esse outro, essa discursividade outra, dado que está submetido ao ideológico e ao histórico.

2. Uma referência teórica ao sujeito clivado/fragmentado e desejante da Psicanálise

Quando propomo-nos abordar a singularidade como resultante de deslocamentos de sentidos, em um discurso psicanalítico (o lacaniano) é importante recorrermos a um dos aspectos do sujeito (em nosso trabalho sujeito-autor, como caracterizaremos no item 2.3) que realiza esses deslocamentos (não sendo origem deles) e que, parece-nos, é possibilitador desse devir, dessa ação discursiva: seu aspecto de sujeito clivado, fragmentado e desejante.

Em Psicanálise,

“(...) o conceito de sujeito não se confunde com o de indivíduo (do latim, *indiviso*) e se opõe à noção de unidade, remetendo sempre para uma constante divisão. Sujeito é o que está sempre deslizando em uma cadeia de significantes.” (JORGE e FERREIRA, 2005, p.46, grifo dos autores).

É o sujeito cindido, clivado, que se divide entre consciência e a ilusão de controle de seus dizeres e sua condição de inconsciência, em que não há controle do movimento daquilo que o constitui: a linguagem rompe nos dizeres, fazendo do não-sentido, desse furo no discurso, o lugar da possibilidade de sentido e desse *ser vir* a ser sujeito.

O sujeito do inconsciente⁴ é aquele:

“(...) determinado pelo simbólico, por isso é barrado, dividido, pelos significantes que o constituem. O lugar do sujeito é o lugar do corte, lacunar, evanescente, enquanto o eu sugere uma unidade, uma organização, uma completude imaginariamente construída.” (PACHECO, 1996, p.44).

Esse sujeito do inconsciente, fundado pelo corte simbólico (efeito de linguagem), pelo Outro, que cindido desliza entre significantes, por estar no mundo em que a linguagem pré-existe a ele, é também um sujeito desejante: “(...) é sempre um sujeito *por vir*, é produção, da ordem do ficcional, eterna construção.” (IDEM, p.61, grifo da autora). E, dessa maneira: “(...) não há mais posições definitivas, pois se o sujeito é construção permanente, está sempre em devir (...)”. (IDEM).

O sujeito está, então, sempre por vir. O sujeito do inconsciente, do desejo, é um processo, ser em movimento que se constitui via linguagem/Outro⁵, deslocando-se, deslizando-se entre dizeres, entre discursos, buscando sempre esse impossível insistente

³ Denominamos ação discursiva ao modo como o sujeito faz funcionar a língua, dentro da prática discursiva. Fazer que é sempre um efeito das condições históricas e ideológicas em que o discurso é produzido. Em nosso trabalho, referimo-nos, especificamente, aos deslocamentos de sentidos como uma ação discursiva, dentro da prática discursiva lacaniana.

⁴ O sujeito da dúvida que Jacques Lacan substituiu o *eu penso* cartesiano pelo *isso fala* freudiano. *Isso* que corresponde ao real do nó borromeano, o sem sentido, impossível de dizer, simbolizar. (C.f. ROUDINESCO, 1994).

⁵ “(...) não há sujeito se não houver um significante que o funde.” (LACAN, 1998, p.194).

– o sentido real – movido pelo desejo⁶, desejo de continuar desejando sempre vir a ser sujeito.

Esse movimento constitui a singularidade do sujeito e daquilo que ele produz e sofre efeitos. Aquilo que torna um dizer singular, único, de pertencimento a esse sujeito é justamente esse processo de produção desse singular, articulado via inconsciente e sustentado pela pulsão e desejo contínuos, que orientam (ou desorientam) os sujeitos no mundo. Assim como o sujeito é fundado pelo corte simbólico, tendo a linguagem (Outro) como constitutiva, também o que é singular a esse sujeito vem de sua identificação (e constituição) da linguagem, do social e da história.

Dessa maneira, olhando para esse sujeito como ser social, histórico, cultural (e emocional), sua singularidade, o novo⁷, o outro, é o seu devir, o seu movimento nesse mundo de linguagem, estabelecendo uma relação de alteridade como movimentos e devires outros.

Em sua busca pela construção da diferença entre sujeitos, Pacheco (1996) nos dá uma importante perspectiva sobre singularidade, como *criação de novos possíveis*:

“(...) emergência de *verdade* – produção do novo, logo criação. Criação é, no retorno do sujeito ao simbólico, fazer uma rearrumação de suas sobredeterminações, modificando a situação já dada. É liberdade possível para o falante. (p.95).

Ainda de acordo com Pacheco (1996), esse sujeito, que está sempre retornando, por vir, é aquele “(...) que se dirá no mundo sempre de uma forma nova e singular em processo de constante produção.” (p.97).

Esse sujeito fundado na e pela linguagem que, nesse processo (des)contínuo de se constituir e ser constituído, vai se deslizando no mundo da linguagem, assumindo – hora aqui, hora ali, de acordo (ou desacordo) com os atravessamentos sociais, ideológicos, históricos de que sofre efeitos - diferentes lugares nesse mundo e, desses diferentes lugares diferentes posições sócio-históricas, como a de sujeito-autor inscrito em uma discursividade. Assim, é que o sujeito do inconsciente, clivado, desejante e pulsional é, entre outros, o sujeito do discurso.

3. Uma referência teórica ao sujeito do discurso.

Para a AD, o sujeito não é um ser empírico, consciente. O sujeito discursivo é tomado como posições-sujeito, a partir do lugar que esse sujeito pode ocupar para ser o sujeito de seus dizeres (o sujeito não é origem dos dizeres, mas é por meio dele que os discursos se realizam na língua), de acordo com as formações discursivas (e ideológicas que estas representam) a que esse sujeito está submetido. (ORLANDI, 2002).

O sujeito discursivo⁸ coloca-se em diferentes posições-sujeitos, diferentes e até mesmo contraditórias (em diferentes formações discursivas, dada à interpelação ideológica), o que é possível devido à sua constituição clivada, fragmentada e desejante, o

⁶ “O desejo, a rigor, não tem objeto. Na sua essência, o desejo é uma busca constante por algo mais, e não há objeto passível de ser especificado que seja capaz de satisfazê-lo, em outras palavras, extingui-lo. (...) Ele não procura satisfação, mas sua própria continuação e promoção: mais desejo, maior desejo! (...)”. (FINK, 1998, p.116, grifo do autor).

⁷ Como abordaremos à diante, para o sujeito discursivo não há esse novo, mas um outro.

⁸ Sujeito discursivo, sujeito do discurso é referência à forma-sujeito: “(...) a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticas sociais.” (ALTHUSSER apud PÉCHEUX, 1997, p.183.). O termo sujeito-autor refere-se a uma dessas formas-sujeito, a uma posição que o agente assume em sua prática discursiva.

que lhe confere, como vimos no item anterior, a possibilidade de devir, de movimento pelo mundo, sem assumir somente uma única posição em todo seu processo constitutivo.

Ao apontar para a interpelação ideológica dos sujeitos (interpelação que os funda e que ocorre na e pela linguagem) Pêcheux (1997), de certa maneira, a sustenta nesse sujeito que se constitui como um processo (inconscientemente) e que, conscientemente, acredita ser causa de si, ter o controle de si⁹:

“(…) a existência dessa contradição (produzir como *resultado* uma *causa de si*), e seu papel motor em relação ao processo do significante na interpretação-identificação, que nos autorizam a dizer que se trata realmente de um processo, na medida em que os “objetos” que nele se manifestam se desdobram, se dividem, para atuar sobre si enquanto outro de si”. (p.157, grifos do autor).

O indivíduo é interpelado em sujeito, em um processo e, o próprio sujeito como efeito desse processo de interpelação pode ser tomado como um processo. O sujeito discursivo é, também, um processo e, as posições a que ele é interpelado a assumir, dentro do discurso, não podem ser fixas, dado à interpelação ideológica, processo esse em que a “falha” é constitutiva.

Chegamos até aqui, na tentativa de mostrar que tanto sujeito discursivo e suas posições sócio-históricas não são e não podem ser fixas, únicos e constantes, dadas às formações discursivas e formações ideológicas a que estão submetidas, como também, as marcas sujeitativas que apontam para a singularidade de um sujeito/discurso não são fixas. Se consideramos o efeito-sujeito como um processo e parte desse processo, então, a singularização daquilo que se realiza nesse processo também deve ser considerada como um processo, um movimento discursivo, que nele funciona para produzir sentidos e, efeitos: o discurso.

Como pensar a singularidade em algo que é da ordem do processo (sujeito e discurso), daquilo que nunca está pronto, está sempre em movimento e em transformação?

A singularidade consiste nesse processo, em ações discursivas, em como as marcas de singularidade, resultado da articulação sujeito/língua/história funcionam dentro desse mesmo processo, produzindo efeitos.

Em um processo discursivo, consideramos, como marca sujeitativa de singularidade, a maneira, a especificidade de como, a partir de sua tomada de posição, o sujeito trabalha os sentidos advindos das formações discursivas em que está circunscrito: suas ações discursivas, na prática discursiva.

Para o sujeito do inconsciente e desejante, como vimos, a singularidade consiste na *criação de novos possíveis*, na *produção do novo*, da criação simbólica, sempre processo. No entanto, para a AD não existe o novo, o original a criação, mas sempre a história trazendo, via língua, a própria história constitutiva, articulando pré-construídos e já-ditos em interdiscursos. Dessa maneira, é que o sujeito do discurso (sujeito esquecido desses pré-construídos, já-ditos e de sentidos outros) nunca é original, nunca é o primeiro sujeito a produzir um discurso. E, a singularidade, o não-idêntico¹⁰, constitui-se como

⁹ Alteridade necessária para própria constituição desse sujeito.

¹⁰ Termo retirado de Nina Leite (2000), importante para destacar o diferente como singular, em alteridade com o Outro(Otro que o constitui) e, não como o novo.

um processo de (re)produção, (re)criação, retorno, em qualquer dizer que aponte, não para o novo, mas para o outro.

4. Sujeito-autor: uma forma-sujeito

O sujeito do discurso é colocado, ao longo de seu processo constitutivo, dado à sua sujeição à linguagem (fragmentação, desejo, interpelação ideológica) em diferentes posições sociais, ideológicas e políticas. Uma dessas posições, que aqui nos interessa, é a forma-autor em que o sujeito se posiciona - na ilusão de controlar e produzir seus dizeres e no esquecimento daquilo que o constitui - como autor de seus dizeres. No entanto, essa forma-autor é um dos efeitos históricos e ideológicos da relação entre as FDs e FIs em que está circunscrito.

A noção de sujeito-autor nos é importante na medida em que buscamos a singularidade de um discurso e, como já abordamos, o singular, o outro não-idêntico que é produzido, é produzido juntamente com a produção de um sujeito e os deslocamentos de sentidos que produzem essa singularidade (e ao mesmo tempo a constitui) são articulados a partir da posição que ele está ocupando, no acontecimento discursivo.

Ao deslocar sentidos, o sujeito desloca-se entre diferentes FDs (PÊCHEUX, 1997), movimento que produz o sentido outro. É esse deslocamento de sentidos, a partir dessa posição-sujeito (sujeito-autor), que resulta em singularidade, em um discurso outro, no discurso lacaniano fundador.

4.1. A forma-autor do sujeito discursivo Jacques Lacan dentro do campo discursivo da Psicanálise: uma função-autor

Em seu retorno a Freud, o sujeito-autor Jacques Lacan é interpelado¹¹ a exercer sua função-autor fazendo a língua funcionar por meio de deslocamentos de sentidos e articulando-os da Lingüística para a Psicanálise freudiana, cujos efeitos desses sentidos deslocados são sentidos outros para os já-ditos da Lingüística e da Psicanálise e, uma discursividade outra, um discurso fundador.

No texto *O que é um autor?* Foucault discute a função-autor e os lugares que o autor, remetido a um princípio interno de controle da ordem do discurso, deixou vazio, devendo ser preenchidos por essa função: como a posição do autor que passa a ser uma função-autor, que é uma “(...) característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade”. (FOUCAULT, 1992, p. 46). A maneira como as diferentes vozes sociais, as regularidades e dispersões dos enunciados nos contextos discursivos são organizadas, postos em circulação (como e em que base material os discursos serão produzidos e apresentados para os outros sujeitos sociais, se livros, debate, etc.) e como, com que objetivo, em que circunstâncias, como será seu uso, é uma função exercida pelo sujeito-autor¹², que complementando com Pêcheux (1997) passa a ser uma forma-sujeito.

¹¹ Situa-se em um momento em que diferentes ciências humanas e sociais buscam na Lingüística elementos de cientificidade para seus campos. Lacan também é levado a buscar na Lingüística elementos para fazer trabalhar a Psicanálise freudiana. Conjuntura que lhe permite fazer esses deslocamentos.

¹² Um mesmo sujeito-autor pode assumir diferentes funções sociais. O sujeito-autor Jacques Lacan, por exemplo, assume a função-autor, a função-psicanalista, a função-professor, entre outras. Mas, essas funções estão interligadas na história desse sujeito, na tentativa de formar uma unidade heterogênea constitutiva desse sujeito discursivo.

Foucault (1992) sintetiza a função-autor como:

“(…) ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos: ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização: ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar.” (p.51-52).

Ao nos reportarmos para as condições de produção do retorno de Lacan a Freud, identificamos, no grupo social ao qual Lacan pertencia (psicanalistas e associações de Psicanálise), o esquecimento do acontecimento discursivo instaurado por Freud¹³. Para Lacan, os psicanalistas tinham se esquecido dos dizeres freudianos, lançando a psicanálise ao biologismo e empirismo. Esse esquecimento é denunciado por Lacan em toda a sua obra.

N’O *Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente* temos:

Seqüência discursiva 1:

“Lemos a *Psicopatologia da vida cotidiana* como lemos o jornal, e a conhecemos tão de cor que achamos que isso não merece que nos detenhamos. Essas coisas, no entanto, foram os passos de Freud, e cada um de seus passos merece ser preservado, é portador de ensinamentos e rico em conseqüências. Observo de passagem que, com um nome, e um nome próprio, estamos no nível da mensagem. Teremos que descobrir a importância disso mais tarde, pois não posso dizer-lhes tudo de uma vez, diversamente dos *psicanalistas de hoje*, que são tão doutos que dizem tudo de uma vez só, falam do [eu] e do eu como coisas sem complexidade alguma, misturam tudo.” (LACAN, 1999, pp. 41-42).

O *Seminário, Livro 5* é um retorno ao discurso freudiano sobre as formações do inconsciente, efeito dos dizeres de Freud na trilogia da constituição do inconsciente *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *A Interpretação dos Sonhos*.

O sujeito discursivo posiciona-se dentro de seu grupo social, com o qual está se confrontando ideologicamente e rompendo depois que começa a (re)ler Freud, ou melhor, os *passos de Freud*, como pronunciou e a (re)construir a teoria psicanalítica. Esse retorno proposto configurou-se como uma blasfêmia ante a intocável doutrina psicanalítica.

Em *Lemos a Psicopatologia da vida cotidiana como lemos o jornal, e a conhecemos tão de cor que achamos que isso não merece que nos detenhamos*, Lacan¹⁴ denuncia, por meio de uma heterogeneidade marcada não-mostrada, a ironia, a superficialidade com que os *psicanalistas hoje* leram Freud e, dessa maneira, se desviaram - pelo esquecimento que lhes foi inculcado ideologicamente pelas instituições psicanalíticas interessadas em poder social, científico e cultural que lhes poderia propiciar a obra freudiana sob seu controle - dos *passos de Freud*. É por esses passos que Lacan retorna a Freud sendo constituído, nesse caminho, como um instaurador de discursividade, de seu discurso fundador.

A ironia, como uma heterogeneidade marcada não-mostrada, é uma negociação do sujeito com o Outro, com a heterogeneidade constitutiva. O efeito de sentido desta negociação é que o não-dito, mas sugerido, seja ouvido mais que o dito e, ao dirigir-se

¹³ C.f. ROUDINESCO (1994).

¹⁴ Usamos Lacan para referirmo-nos ao sujeito discursivo executando sua função-autor.

ironicamente aos psicanalistas, Lacan sabe que estes escutam não-ditos. Assim, em uma formação social de conflitos e embates políticos, teóricos e institucionais aquele que fizer funcionar a letra de tal maneira que os efeitos sejam conscientemente imperceptíveis, mas implicitamente transformadores, terá mais vantagens nessa luta em que “(...) o que está em jogo, senão o desejo e o poder?” (FOUCAULT, 1996, p.20), de ambas as partes.

É essa negociação que Lacan faz funcionar com os *psicanalistas de hoje* e a Psicanálise. Negocia nesse ponto de ruptura que é seu seminário como acontecimento discursivo, o seu lugar permeado pelas relações desses sujeitos com o discurso lacaniano: esses *psicanalistas de hoje* são capazes de compreender Freud totalmente mesmo mantendo-se na superficialidade dos dizeres freudianos; Lacan vai além do *nível da mensagem*, retorna aos passos de Freud nos entrecaminhos freudianos, *portadores de ensinamentos e rico em conseqüências*. Lacan retorna aos efeitos de sentido dos dizeres freudianos, ao discurso de Freud. É nesses caminhos, nos implícitos que se dará a (re)leitura das obras de Freud.

Em *psicanalistas de hoje*, o sujeito marca seu lugar histórico inscrevendo-se na FD Psicanálise freudiana e, marca também sua diferença com os *psicanalistas de hoje*. Nessa contradição, pois também ele se posiciona, no campo discursivo da psicanálise, como um dos *psicanalistas de hoje*, apesar de se excluir do *Lemos* (do nós), estabelece-se uma alteridade entre sujeitos discursivos que constituem esse campo: o distanciamento do pré-construído (dizeres freudianos). O sujeito-autor, em sua relação com a história da Psicanálise, é interpelado (por essa relação) a acreditar na supremacia e validade de sua (re)leitura freudiana sobre outras possíveis. Equívoco, na medida em que o conflito gerador de seu retorno a Freud foi desencadeado justamente por que a IPA¹⁵ negava a heterogeneidade do discurso freudiano. Esse equívoco desencadeia a movência desse sujeito em direção a uma discursividade outra, o discurso fundador.

A proposta do “retorno a” é um retorno ao texto freudiano, às suas lacunas, ao que parece ausente¹⁶. Uma ausência que da posição do autor é tomada como uma evidência da supremacia do simbólico, da linguagem, na obra freudiana.

Esses foram alguns apontamentos na tentativa de caracterizar a função-autor de nosso sujeito discursivo e que nos ajudam a vislumbrar de que lugar discursivo ele sofreu os efeitos da exterioridade, fazendo funcionar suas marcas de singularidade.

5. Sujeito-autor, singularidade e deslocamentos de sentidos

Um olhar sobre esse sujeito-autor e suas marcas no discurso (suas ações discursivas de deslocamento de sentidos) nos possibilita compreender esses deslocamentos de sentidos como produtores de singularidade. Essas marcas, nos dizeres do sujeito-autor, são produzidas por esses deslocamentos de sentidos que têm como efeito essa discursividade outra, dentro do campo psicanalítico em que esses deslocamentos (ações discursivas) constituem a própria singularidade desse discurso, e esse fazer funcionar a língua, essa ação pertencente a esse sujeito-autor, como singular a essa posição-autor. Então, a singularidade constitui e é constituída por esses deslocamentos de sentidos (metáforas lacanianas) dentro do acontecimento discursivo

¹⁵ Associação Internacional de Psicanálise.

¹⁶ C.f. FOUCAULT (1992).

que promoveu uma ruptura com o discurso psicanalítico sustentado pelas instituições oficiais de Psicanálise, da época (nos de 1950).

Ao sustentarmos que a singularidade é resultante de um processo discursivo, as marcas sujeitacionais são esses próprios funcionamentos que resultam em sentidos outros. Marcas de sujeito-autor que é uma forma-autor, uma forma outra de fazer funcionar um sentido, como um efeito da relação desse mesmo sujeito com a história e a Ideologia.

O aspecto de devir, sempre por vir, do que é singular em um discurso é sustentado, também por esse mesmo aspecto que constitui os sentidos para a AD, pois os sentidos nunca estão prontos, na suposta transparência da língua, mas submetidos às FDs e FIs. E, a possibilidade de deslocar sentidos se deve, também, de acordo com Pêcheux (1997) às posições daqueles que fazem funcionar a língua: os sujeitos. E, nosso sujeito, de sua posição de autor fez deslocar os sentidos, a partir de uma relação possível entre elementos da Lingüística e da Psicanálise, o que marca sua singularidade como resultante desse processo e cujos sentidos outros tiveram como efeito uma discursividade outra: a Psicanálise lacaniana.

6. Singularidade como resultante de deslocamentos de sentidos no discurso psicanalítico lacaniano

Na introdução de seu seminário, Lacan começa ajustando seu dizer.

Seqüência discursiva 2:

“Tomamos este ano por tema nosso seminário *as formações do inconsciente*. Aqueles dentre vocês, e creio que são a maioria, que estiveram aqui ontem à noite em nossa sessão científica, já estão afinados e sabem as questões que levantaremos aqui dizem respeito, desta vez de maneira direta, à função, no inconsciente, daquilo que ao longo dos anos anteriores elaboramos como sendo o significante. Alguns de vocês – expresse-me assim porque minhas ambições são modestas – terão lido, espero, o artigo que publiquei no terceiro número da revista *La Psychanalyse*, com o título “*A instância da letra no inconsciente*”. (...)” (primeira aula do seminário, dia 06/11/1957. p. 11-12).

Abordamos essa introdução porque ela é representativa daquilo que propomos analisar, nos dizeres lacanianos: a recorrência à Lingüística e a tomada de posição do sujeito-autor ao recorrer ao pré-construído da Lingüística. É a partir dessa recorrência que o sujeito fará a língua funcionar, partindo de sua relação com as condições sócio-históricas, deslocando os sentidos dos dizeres da Lingüística para os dizeres da Psicanálise: é a (re)elaboração do conceito de significante. Nessa seqüência discursiva identificamos uma intertextualidade com o texto “*A instância da letra no inconsciente*” (LACAN, de 1957) realizando, no funcionamento discursivo, o primeiro deslocamento do sentido de significante. Para análise desse deslocamento, recorreremos ao texto supracitado:

Seqüência discursiva 3:

“Para marcar o surgimento da disciplina lingüística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas.

O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das aulas dos três

cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910 -11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de Curso de lingüística geral: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento.” (p.500).

Na recorrência a Ferdinand de Saussure, no *Curso de Lingüística geral* (SAUSSURE, 1995) temos:

Seqüência discursiva 4:

“Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*arbor* et.). Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a idéia da parte sensorial implica a do total.

(...) Propomos-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; (...).” (p.81).

O signo lingüístico é assim representado:

Seqüência discursiva 5:

“↑ Conceito ↓
Imagem
acústica.” (p.80)

É com esse deslocamento, invertendo a ordem dos componentes do signo (S/s) lingüístico que ocorre a apropriação do significante, do efeito de pré-construído pela Lingüística, para a (re)leitura de Freud, ao longo do seminário. Esse equívoco, na base lingüística do discurso laciano, funciona como o ponto de ruptura estabelecido por esse acontecimento discursivo: uma discursividade outra é possível a partir desse furo e no modo como a Lingüística e a Psicanálise são articuladas. Esse equívoco é a ação discursiva produz a marca de singularidade, desse sujeito, que irá funcionar ao longo de todo o seminário, de maneira recorrente. É essa recorrência que acreditamos ser a singularidade (produzida pelo deslocamento do sentido de signo, com a supremacia e determinação do significante) que constitui o processo constitutivo do discurso. Marca singular de um sujeito-autor que se constitui como instaurador de uma discursividade outra, como um processo.

Especifiquemos como essa marca de singularidade funcionou: no deslocamento do sentido de signo há uma inversão em que o significante é colocado sobre o significado (o sujeito discursivo inverte a ordem lingüística, apropriando-se dos dizeres sobre o signo), estabelecendo uma oposição entre o signo da Lingüística e o signo da Psicanálise e conferindo supremacia do segundo em que o significante não está submetido ao significado, denega a lingüística e seu signo. O sujeito discursivo lê a Lingüística a partir do lugar do psicanalista e isso o leva a se questionar sobre o quê a Lingüística, enquanto ciência, pode contribuir para o desenvolvimento da Psicanálise, mas ao deslocar o sentido de significante denega essa Lingüística, em uma contra-identificação.

Temos como apontamentos que propiciam o entendimento desse deslocamento a necessidade circunstancial do sujeito-autor garantir-se historicamente recorrendo à Lingüística, que sustenta ideológica e cientificamente as transformações culturais e científicas da época e era preciso estabelecer uma relação entre essa força social, política e científica (Lingüística como ciência-piloto) e o processo de (re)construção da Psicanálise como uma ciência, a partir dos dizeres freudianos.

Nesse deslocamento, constituído por uma heterogeneidade marcada mostrada, a conotação autonímica, produzindo uma singularidade outra, pois nessa ação discursiva o sujeito-autor deixa sua marca: olhar a Psicanálise por meio da Lingüística, por que esse discurso outro veio por meio da intertextualidade, apontando a ressonância dos dizeres da Lingüística na Psicanálise. Ressonância pautada pela necessidade de cientificização desse discurso que nos remete à representação histórica da Lingüística como ciência-piloto, à qual estavam ligados todos os intelectuais, cujo objetivo era romper com o que estava posto. Ressonância de sentido também sustentada pela ênfase do simbólico, na teoria psicanalítica.

Nesse seu dizer o sujeito-autor inscreve-se no campo científico. Decorre daí, desse sentido de que o que vai ser feito é ciência, a recorrência a outros discursos e, em acordo com Pêcheux (1997), há uma demarcação, uma tomada de posição do sujeito em buscar a objetividade e, nessa tomada de posição o que era para ser um discurso da ciência Psicanálise passa a ser o discurso produzido a partir do sujeito inscrito no campo psicanalítico, com o deslocamento do signo lingüístico para o signo psicanalítico, como marca de singularidade.

Na abertura desse acontecimento, é relevante a regularidade com que os interlocutores são chamados a participar de processo de instauração desse discurso outro: o pronome *vocês* é recorrente em todo o texto, juntamente com o *nós*. Essas marcas sujeitiduais nos mostram a posição do sujeito discursivo na circunstância de enunciação, em uma relação com seus interlocutores, o que tem como efeito o discurso a partir desses deslocamentos. É a busca de construção e inserção em um outro grupo social - dos psicanalistas freudianos - o que aponta para uma contradição: ao mesmo tempo em que o sujeito é levado a tomar a palavra frente ao grupo para constituir esse saber outro há uma divisão dessa construção com os outros/os interlocutores. Essa contradição constitui-se em uma estratégia discursiva, sustentada pela ilusão desse sujeito de controle de seus dizeres e da própria situação discursiva. No entanto, os sentidos deslocados produzem efeitos que trazem, em seu funcionamento, os pré-construídos da própria Lingüística que retornam nessa discursividade, sempre sustentando o caráter subversivo desse deslocamento, dessa singularidade.

Especificamente, na glosa metaenunciativa *“Alguns de vocês – expresse-me assim porque minhas ambições são modestas”* o sujeito denega sua própria condição de sujeito dessa ruptura ajustando seu dizer, tentando explicar seu dizer. Ao longo de o todo texto o sujeito volta-se para seu próprio discurso, apontando para os efeitos desse dizer, posicionando-se frente aos deslocamentos realizados. Essas recorrências, ao próprio dizer, mostram que o singular a esse sujeito, são seus dizeres e como eles funcionam na situação discursiva (como vimos, deslocando sentidos) e apontam para uma definição desse próprio sujeito-autor como um processo que se constitui em sua prática discursiva, que advêm a cada interpelação ideológica e inconsciente que marca sua singularidade: o deslocamento do sentido do signo lingüístico, cujo efeito é esse discurso outro, marcado justamente por essa singularidade, aquilo para o qual olhamos e identificamos como pertencente a essa forma-sujeito, a esse agente discursivo e aponta, também para a alteridade com os sentidos pré-construídos de signo, na Lingüística.

Ao considerarmos o deslocamento do sentido do signo lingüístico como uma marca de singularidade no discurso lacaniano (marca que constitui processo de singularização de discurso e sujeito discursivo) buscamos os efeitos desse sentido

deslocado na produção desse discurso, ou seja, como efeito dessa singularidade temos singularidades outras e como essa singularidade é um processo de criação outro, outra marca é produzida: os deslocamentos de sentidos dos dizeres freudianos.

Esse deslocamento ressoa ao longo de todo o discurso como uma marca singular fundadora em que, tendo o sujeito circunscrito na FD Psicanálise, os sentidos que prevalecem são os dessa FD, os psicanalíticos: daí, a necessidade sócio-histórica de um signo psicanalítico com a supremacia e determinação do significante. Dessa maneira, a Psicanálise passa a ter uma categorização que lhe forneça o estatuto de ciência: um algoritmo científico e uma logicização da subjetividade que possa ser fundada por esse signo, cujos significados deslizam sob o significante. Assim, é que o sujeito-autor é levado ideologicamente ¹⁷, a partir desse significante, a (re)ler Freud.

Seqüência discursiva 6 ¹⁸:

“A outra face é a face de inconsciente. Que o exercício do significante evoca, por si mesmo, tudo que é da ordem do inconsciente, isso é suficientemente apontado ao olhar de Freud pelo fato de que as estruturas que o chiste revela, sua constituição, sua cristalização, seu funcionamento, não são outras senão aquelas que ele descobriu em suas primeiras apreensões do inconsciente, no nível dos sonhos, dos atos falhos – ou bem-sucedidos, como vocês quiserem entender –, no nível até mesmo dos sintomas, e às quais procuramos dar uma formulação mais rigorosa, nas rubricas da metáfora e da metonímia. Essas formas são equivalentes para qualquer exercício da linguagem, e também quanto ao que encontraremos de estruturante no inconsciente. Elas são as formas mais gerais, das quais a condensação, o deslocamento e os outros mecanismos que Freud destaca nas estruturas do inconsciente não passam como que de aplicações...” (aula do dia 04 de dezembro de 1957, *O pouco-sentido e o passo-de-sentido*. p.89).

Tomando a singularidade como um processo resultante dos deslocamentos de sentidos observamos, na produção discursiva, que uma marca singular tem como efeito outras marcas no discurso laciano, o deslocamento de sentidos do signo lingüístico produz uma marca de singularidade outra constitutiva do discurso laciano: o inconsciente (como a fala) é estruturado pelo significante e suas leis de funcionamento.

Em sua (re)leitura de Freud o sujeito desloca o *funcionamento do inconsciente apontado ao olhar de Freud* ¹⁹ para o funcionamento da linguagem às quais procuramos dar uma formulação mais rigorosa nas rubricas da metáfora e da metonímia. Temos um deslocamento circunscrito na FD Psicanálise e que se sustenta nela: foi *apontado ao olhar de Freud*, apontamento que marca o lugar do Outro Freud no discurso laciano, o de sustentar historicamente a transformação da ciência Psicanálise por meio de uma *formulação mais rigorosa*, buscada na ciência lingüística.

Ao deslocar o dizer freudiano sobre o inconsciente, do deslocamento e da condensação para a metáfora e metonímia o sujeito produz por meio de um já-dito (pré-construído) um dizer outro que constitui o que é singular à sua produção discursiva, singularidade que não está fixada em algum ponto do discurso, mas sempre retornando e (re)significando.

Ao alterar o dizer freudiano sobre o inconsciente instaura-se um processo de singularização constituindo a marca de singularidade desse sujeito-autor: o seu modo de deslocar, organizar e articular os sentidos já-ditos desses dizeres, instaurando essa discursividade outra.

¹⁷ Ideologicamente porque resulta da relação desse sujeito com a história das ciências.

¹⁸ Segue-se apenas um apontamento dos deslocamentos dos dizeres freudianos, pois dada à sua recorrência no *corpus* e sua pertinência à nossa pesquisa, só podem ser tomados em um trabalho mais amplo, o que não é o presente texto.

¹⁹ C.f. Freud em *A interpretação dos sonhos* e *Os chistes e suas relações com o inconsciente* esse funcionamento é denominado de condensação e deslocamento.

Sem pensar em conclusão, pois nossa pesquisa está em aberto no que concerne a “resultados”, acreditamos que a singularidade como um modo de funcionamento da língua, um devir no discurso, constitui o sujeito discursivo singular e, como é a partir desse sujeito que os sentidos são deslocados, essa singularidade constitui-se nessas movências discursivas. Ao recortarmos esses deslocamentos de sentidos estamos recortando as marcas sujeitacionais deixadas por esse sujeito, no processo discursivo: suas ações discursivas realizadas a partir do lugar que ocupa dentro da discursividade são suas marcas de singularidade que se transformam e mudam de lugar ao longo do processo discursivo, mas que por se remeterem a um mesmo já-dito (no caso de nosso sujeito-autor remetem sempre ao já-dito freudiano, ao pré-construído da Psicanálise) sempre (re)significado apontam para o mesmo sujeito. Assim, a singularidade do sujeito-autor do discurso lacaniano é resultado dos deslocamentos de sentidos constitutivos desse discurso outro, dentro do campo psicanalítico.

7. Referências Bibliográficas

- 1) FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Trad. Maria de L. S. Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- 2) FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagem, 1992.
- 3) JORGE, Marco A. C. & FERREIRA, Nádia P. *Lacan: o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- 4) LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 5: as formações do Inconsciente (1957-1958)*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- 5) ----- A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496 -533.
- 6) LEITE, Nina Virgínia de Araújo. *Sobre singularidade*. Caderno de Estudos Lingüísticos, Campinas, (38): 38-49, Janeiro/Junho. 2000. p.39-49.
- 7) ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- 8) PACHECO, Olandina M. C. de Assis. *Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- 9) PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: EDUNICAMP, 1997.
- 10) ROUDINESCO, Elizabeth. *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- 11) SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística geral*. Organizado por Charles Baley e Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix Ltda.